

A Política Agrária dos Gracos e o Discurso Histórico

Pedro Paulo A. Funari

Resumé:

Étude sur la Historiographie des Gracques et les rapports des historiens du passé et du présent.

Introdução

A. N. Sherwin-White (1982:29) lembrava, em seu artigo sobre as idéias políticas de Caio Graco, que “os estudiosos queixam-se que a evidência histórica sobre Caio Graco, tal como a temos, é principalmente de terceira ou quarta mão, escrita duzentos anos após a sua morte”. A exigüidade de documentos referentes aos Gracos torna, talvez, a discussão do papel, por parte do historiador da Antigüidade, do estudo de um determinado tema, neste caso a política agrária, particularmente instigante. Georges Duby (1980:38) escrevia, há já algum tempo, uma frase de conseqüências epistemológicas graves:

Quant à moi, je suis tout prêt à dire que ce que j'écris c'est mon histoire.¹

Quanto a mim, estou pronto a reconhecer que, o que escrevi, é *minha* história.

A aceitação da subjetividade inevitável do discurso do historiador, implícita na *histoire à moi* de Duby, tem caracterizado, de uma forma ou de outra, a historiografia contemporânea. Segundo Ellen Somekawa e Elizabeth A. Smith (1988: 151-2) “a suposição básica dos historiadores de que suas narrativas fundam-se em fatos pode ser, na verdade, foi desmantelada, pois a interpretação não começa depois de que os fatos foram coletados, mas a interpretação cria a evidência e os fatos”. O caso da reconstituição da política agrária dos Gracos permite avaliar em que medida a narrativa, antiga e moderna, dependem da subjetividade do historiador, da sua inserção social. Ao estudar a historiografia européia e suas tendên-

cia, Georg G. Iggers (1984: 204) terminava seu livro com a seguinte proposição:

History cannot be separated from its basis in the social and intellectual realities and conflicts of its time, and the discipline of history itself must be viewed critically within the broader context of the history of the modern world.

A História não pode ser separada de sua base nas realidades sociais e intelectuais e nos conflitos de seu tempo, e a disciplina da História deve ser, ela mesma, vista de maneira crítica, dentro de um contexto mais amplo da História do mundo moderno.

A política agrária dos Gracos, em especial, apresenta a característica, pouco usual, de ser duplamente contextualizada no presente, pois não apenas a historiografia moderna interpretou os Gracos a partir de seus próprios parâmetros como as próprias fontes primárias são, elas também, recriações posteriores, inseridas em seus momentos. Nesta ocasião, tratarei da política agrária dos Gracos nesses dois sentidos: como discursos de antigos não contemporâneos aos acontecimentos e como discursos modernos sobre os acontecimentos antigos.

QUELLENFORSCHUNG

A política agrária dos Gracos não pode ser estudada, diretamente, por fontes ou testemunhos diretos literários latinos. Já isto representa uma particularidade a ser ressaltada, pois o historiador da antiguidade romana, quase que por definição, define-se como latinista. De fato, por longa tradição, na origem da própria disciplina, no século passado, a *Altertumwissenschaft* (Estudo da Antiguidade) principia com o estudo da língua e apenas a partir dela pode chegar-se à História. O romanista, em particular o historiador do mundo romano, é aquele que lida, em primeiríssimo lugar, com a documentação latina. No entanto, este episódio da Roma republicana, capital para o desenvolvimento posterior das estruturas sociais, econômicas, políticas e militares, aparece, em latim, apenas nos resumos de Tito Lívio, de forma sumária. Este resumo, muito posterior aos acontecimentos narrados, apresenta diversos problemas, como, por exemplo, logo ao início da narração:

Tib. Sempronius Gracchus tribunus plebis cum legem agrariam ferret aduersus uoluntatem senatus et equestris ordinis, ne quis ex publico agro plus quam mille iugera possideret, in eum furorem exarsit, ut M. Octauio collegae causam diuersae partis defendenti postestatem lege lata abrogaret seque et C. Gracchum fratrem et Appium Claudium socerum triumueros ad diuidendum agrum crearet (LVIII, A.U.C. 621 = 113 a.C.).

A partir desse quadro, pode perceber-se que Plutarco é o mais erudito, aquele que recolhe mais dados. Apenas a título de exemplo, basta comparar os relatos desses diferentes autores, a respeito de episódios específicos:

Morte de C. Graco

Diodoro	Plutarco	Apiano	Diverso autores latinos
Provoca	não provoca	provoca	provoca

Primeiras leis

menciona	menciona	não menciona	não mencionam
----------	----------	--------------	---------------

Estradas

não menciona	menciona	menciona	não mencionam
--------------	----------	----------	---------------

Na verdade, portanto, nossa melhor fonte a respeito da política agrária dos Gracos é a biografia composta por Plutarco. Este aristocrata local da Queronéia estudou em Atenas, influenciado pelo platonismo anti-estóico e epicúreo, viajou muito, embora seu conhecimento de latim pareça que fosse limitado. Compôs tratados (*Moralia*) e as Vidas Paralelas. Segundo o próprio Plutarco, suas biografias não eram obras de História, visando conhecer as qualidades e os defeitos dos homens (e.g. prólogos às vidas de Paulo Emílio e Alexandre). As vidas dos Gracos articulam-se, assim, em torno de suas virtudes e defeitos, assim explicitados:

Virtudes:

1. Excelência (*areté*) CG II,1;
2. Boa disposição (*eunoia*) CG II,1;
3. Respeito (*timê*) CG II,1;
4. Moderação (*sophrosýne*), CG II,1;
5. Justo (*dikaíos*) CG II,1; TG III,7;
6. Bravura (*andragathía*) TG III,7;

Os defeitos, menos claramente explicitados, parecem referir-se à rudeza (TG IV,3-4) e à impetuosidade (*passim*). Plutarco, filósofo pouco in-

interessado à História no sentido moderno do termo, muito posterior aos acontecimentos, parece construir os Gracos muito contemporâneos ao próprio Plutarco e às suas preocupações. De forma clara, o mesmo se passa com Apiano. Duas citações bastam para tanto:

O que Graco tinha em mente, ao propor a medida, não era dinheiro, mas homens. (Guerras Civis, I, 11).

Assim, o povo perdeu tudo e diminuiu ainda mais o número de cidadãos e de soldados e a renda e a distribuição da terra. Após cerca de quinze anos após a lei de Graco, por meio de ações judiciais, tornaram-se ociosos. (Guerras Civis, I, IV).

Não está claro se foi o povo que ficou sem trabalho ou se foram os encarregados de distribuir terras; de qualquer forma, quem há de duvidar que Apiano pensava em sua própria época ao compor estas frases? Além disso, há a questão, não menos complexa, relativa ao uso de vocabulário grego tardio para referir-se à Roma do segundo século a.C. Aaron I. Gourévitch (1994: 83) recorda que:

La première tâche de l'historien est de s'efforcer de comprendre la langue de l'époque étudiée au sens sémiotique du terme pour tenter de décrypter son sens spécifique.

A primeira tarefa do historiador é esforçar-se para compreender a língua da época estudada, no sentido semiótico do termo, para tentar descobrir sua especificidade.

Não parece difícil notar que pouco se pode dizer sobre a expressão *pénetes*, em Apiano (e.g. Guerras Civis, I, 11), sobre qual seria sua correspondência, seja em latim, seja, o que é ainda mais complicado, qual seu significado efetivo no contexto social romano. Logo se nos recordamos de Wolfgang J. Mommsen (1984:64)

Die Übersetzung der 'Sprache der Quellen' in die 'Sprache des Historikers' aber ist ein zentrales Problem für jede historische Methodenlehre.

A tradução da 'língua das fontes' para a 'língua do historiador', contudo, é um problema central de toda metodologia histórica.

Questões semelhantes, como se verá, podem ser aplicadas, igualmente, à historiografia moderna.

A historiografia moderna e a política agrária dos gracos

Os historiadores modernos, sem exceção, reconstruíram os acontecimentos e seu sentido mais profundo a partir das fontes brevemente discutidas há pouco. Alguns preferiam seguir os passos de Plutarco e enfatizaram o *ethos* por detrás das ações dos Gracos, como é o caso de Pierre Grimal (1973:95-108). Na tradição francesa, tão bem representada por Jérôme Carcopino (1928), Grimal segue muito de perto os relatos antigos, adicionando, de forma sutil, seus próprios juízos de valor:

O ardor que impulsiona a Tibério, e que acabará causando sua perda, parece não ter sido, no início, mais do que a ambição comum de um romano desejoso de servir à sua pátria e de conquistar para si o prestígio e a honra que recompensam o estadista na cidade.

Grimal aproxima-se, portanto, de maneira muito significativa da tradição, tão sólida nos estudos de História antiga na França, desenvolvida por Carcopino e que já teve oportunidade de estudar em outra ocasião (Funari 1992). Em outra linha, Claude Nicolet (1977:117-134; 1980) apresenta uma reconstituição totalmente diversa dos acontecimentos. Segundo Nicolet, a crise agrária não se confunde com crise na agricultura, embora a erudição atual tenda a minimizar os problemas agrários na crise de 133 a.C.; o problema teria existido, sendo recente e posterior a Aníbal. Teria havido um duplo movimento: camponeses sem terra e terra sem camponeses. A crise girava em torno do *ager publicus*, patrimônio comum do povo romano sem apropriação privada. A venda das parcelas era possível, segundo Tito Lívio (28,46,4), ainda que mal vista. A parte vendida tornava-se *optimo iure*, sendo chamada de *ager questorius*. Podia ser alienado para credores do Estado, contra prestações de serviço, como no caso dos *uiari uicani*, que recebiam as terras para conservar as vias (Catão 2, 2). O mais importante era o *ager datus adsignatus*, para colonos ou indivíduos (*uiritim*). A colonização tinha, portanto, fins estratégicos, não visava resolver o problema agrário. O Estado podia, ainda, explorar terrenos não distribuídos. Sem documentação, ocorrem usurpações e conflitos, embora o Estado controle periodicamente (Tito Lívio 42,1,6). Os ocupantes eram denominados *possessores*, em oposição a *domini*. O esquema interpretativo de Nicolet, portanto, adapta o uso de fontes latinas referentes a outras épocas para o procurar entender os testemunhos tardios, escritos em grego. Seria este procedimento, ainda que menos subserviente à fonte antiga, mais seguro?

A historiografia de língua alemã, por sua parte, seguiria caminhos diversos. Géza Alföldy (1984) talvez possa servir como exemplo de uma abordagem que privilegia a lógica da narrativa, claramente mais desenvolvida em Apiano. Assim, Alföldy prefere aceitar não o relato factual dos

acontecimentos, tal como proposto por Apiano, mas sua essência, a lógica da evolução social romana. Sendo muito posterior, sabendo o que viria a acontecer, Apiano podia entrever, nos Gracos, uma etapa na transformação social romana em direção ao Estado imperial. Como afirma Alföldy, "Apiano descreveu a História desses conflitos com mais detalhes e, melhor do qualquer outro historiador antigo, soube captar as interrelações sociais". F.R. Ankermit (1986:7), em um artigo sobre a Filosofia da História dos anglo-saxões, opõe a busca por novos documentos, por parte dos anglófonos, à hermenêutica alemã que "tende a ver o passado (ou seja, o texto) como algo dado e busca dar um passo atrás, como se fosse, tendo em vista descobrir seu significado". Nada melhor parece descrever o uso de Apiano por Alföldy.

Os ingleses, por outro lado, e seguindo o que propõe Ankersmit, buscam novos documentos. É o que faz Sherwin-White (1982) ao propugnar que uma tableta de bronze, outrora em poder do Cardeal Bembo, fosse a *lex repetundarum* de Caio Graco; sua convicção é tanta que prefere chamá-la de *Lex Semproniana* (contra Stockton 1979). Como quer que seja, aceitemos ou não o novo documento, merecem atenção as palavras que definem as intenções de Caio Graco:

The political methods of that intelligent and liberal statesman <reveals> a man of the most alert and realistic political mentality, with a penetrating understanding of how political machinery works, quick to perceive the possibilities for abuse and ingenious in devising counterchecks (p.18 e 28).

Os métodos políticos deste estadista inteligente e liberal revelam um homem da mentalidade mais alerta e realista, com uma compreensão profunda de como a política funciona, rápido em perceber as possibilidades de abuso e engenhoso ao propor o seu controle.

A caracterização de Caio Graco não segue as fontes antigas, como propõem outros autores modernos, mas parece condizer com uma transformação de Caio em um moderno M. P. (parlamentar, *Member of Parliament*)!

Talvez já bastem os casos citados para alertar-nos sobre a discursividade das fontes e dos historiadores modernos. No entanto, "as atividades sociais não se esgotam na 'discursividade' (Cardoso 1988: 111). O caminho para o estudo da agricultura, nesse período como em outros, quer me parecer que se encontre no estudo exaustivo não somente dos documentos da tradição textual, objeto central até aqui, como de outros tipos de evidência, bem como na utilização de interpretações inspiradas em diferentes áreas, como a Antropologia ou a Ciência Política. Sem entrar em detalhes que em muito ultrapassariam os limites de um estudo como este, lembraria que a cultura material tem fornecido muitos elementos para se repensar as rela-

ções sócio-econômicas na Itália dessa época. Lin Foxhall (1990) propôs, por exemplo, um estudo do campo romano em comparação com o campo do moderno terceiro-mundo! Em sentido completamente diverso, L. Capogrossi Colognesi (1990) tem estudado a economia antiga, e sua relação com o capitalismo moderno, a partir daquilo que chama de *sfida di Max Weber* (desafio de Max Weber). Alfons Bürge (1990) publicou um grande e muito bem documentado estudo da categoria ambígua do *mercennarius*, concluindo que:

Sie müssen sich aber stets dagegen wehren, nicht wie Sklaven behandelt zu werden, da eben die Arbeit des *mercennarius* typische Sklavenarbeit ist.

Devem, contudo, sempre defender-se disso, não serem tratados como escravos, pois, justamente, o trabalho do *mercennarius* é um típico trabalho de escravos.

Também, entre nós, brasileiros, há quem pesquise esse tema a partir dos vestígios das *uillae rusticae* italianas, com resultados concretos profícuos (Guarinello 1993: 138-158). Seria, pois, indispensável diminuir as distâncias entre historiadores e arqueólogos, e entre todos os que trabalham com as humanidades, já que suas diferenças metodológicas direcionam-nas antes para o diálogo que para a surdez:

La dicotomía que en el estudio de la antigüedad existe entre "Historiadores" y "Arqueólogos" ha aumentado los defectos de cada uno de estos puntos de vista. Afortunadamente, existe en nuestros días un afán por romper esta dicotomía en los estudios sobre la economía antigua (Remesal 1986:11).

A dicotomia que, no estudo da antigüidade, existe entre 'historiadores' e 'arqueólogos' aumentou os defeitos de cada um dos dois pontos de vista. Felizmente, existe, em nossos dias, um desejo de romper esta dicotomia, nos estudos sobre a economia antiga.

Conclusões:

Pierre Vidal-Naquet (1991:10) afirmava que

L'historien est homme libre par excellence, il ne peut que demeurer historien, c'est à dire un traître face à tous les dogmes.

O historiador é um homem livre por excelência, não pode senão continuar como historiador, ou seja, um traidorface a todos os dogmas.

O tema da política agrária dos Gracos, aparentemente tão específico, conhecido, tão tradicional, surge com outra aparência quando refletimos sobre sua própria historicidade. Já não é possível estudar os Gracos sem estudarmos a nós mesmos.

Agradecimentos:

Este artigo resulta de uma aula ministrada no dia 10 de abril de 1996 para o concurso de Livre-Docência em História Antiga, no IFCH da UNICAMP, em cuja banca estavam os Professores João Quartim de Moraes, José Remesal, Ciro Flamarion Santana Cardoso, Antônio Silveira Mendonça e Alceu Dias Lima. Sua publicação representa uma homenagem aos examinadores. Agradeço aos seguintes colegas que me ajudaram de diversas maneiras, em especial permitindo-me o acesso a suas obras: Ciro Flamarion Santana Cardoso, Lix Foxhall, Norberto Guarinello e José Remesal. A responsabilidade pelas idéias, contudo, recai somente no autor.

Autores antigos:

Appian's Roman History, Londres, Harvard University Press, 1958 (Loeb).

Livy's Summaries, Londres, Harvard University Press, 1987 (Loeb).

Plutarch's Lives, Londres, Harvard University Press, 1959 (Loeb).

Obras citadas:

ALFÖLDY, G. 1984 *Römische Sozialgeschichte*. Wiesbaden, Franz Steiner.

ANKERSMIT, F.R. 1986 The dilemma of contemporary Anglo-Saxon philosophy of History, *History and Theory*, 25,4, 1-27.

BÜRGE, A. 1990 Der *mercennarius* und die Lohnarbeit, *Zeitschrift der Savigny-Stiftung für Rechtsgeschichte*, 107, 80-136.

CAPOGROSSI COLOGNESI, L. 1990 *Economie antiche e capitalismo moderno. La sfida di Max Weber*. Roma Laterza.

CARCOPINO, J. 1928 *Autour des Gracques*. Paris, Garnier.

CARDOSO, C. F. S. 1988 *Ensaio Racionalistas*. Rio de Janeiro, Campus.

- DUBY, G. 1980 Un nominaliste bien tempéré, *Dialogues*, Paris, Flammarion, 37-66.
- FOXHALL, L. 1990 The dependent tenant: land leasing and labour in Italy and Greece, *Journal of Roman Studies*, 80, 97-114.
- FUNARI, P. P. A. 1992 Doxa e episteme: a construção discursiva na narrativa histórica, *LPH: Revista de História*, UFOP, 3,1, 22-35.
- GOURÉVITCH, A. I. La double responsabilité de l'historien, *Diogène*, 168, 67-86.
- GRIMAL, P. 1973 *La formación del imperio romano*. Bilbao, Siglo XXI.
- GUARINELLO, N. 1993 *Ruínas de uma paisagem. Arqueologia das casas de fazenda da Itália antiga*. São Paulo, Universidade de São Paulo, tese de doutoramento inédita.
- IGGERS, G.G. 1984 *New Directions in European Historiography*. Revised Edition, Middleton, Wesleyan University Press.
- MEYER, E. 1893 *Geschichte der Altertums*. Stuttgart, Teubner.
- MOMMSEN, W. J. 1984 Die Sprache des Historikers, *Historische Zeitschrift*, 238,1, 57-81.
- NICOLET, Cl. 1977 *Rome et la conquête du monde mediterranean*. Paris, PUF.
- NICOLET, Cl. 1989 *Les Gracques ou Crise agraire et revolution à Rome*. Paris, Gallimard.
- REMESAL, J. 1986 *La annona militaris y la exportación de aceite bético a Germania*. Madrid, Universidad Complutense.
- SHERWIN-WHITE, A. N. 1982 The Lex Repetundarum and the political ideas of Gaius Gracchus, *Journal of Roman Studies*, 72, 18-31.
- SOMEKAWA, E. & SMITH, E. A. 1988 *Theorizing the writing of history*, or "I can't think why it should be so dull, for a great deal of it must be invention", *Journal of Social History*, 22, 1, 149-161.
- STOCKTON, D. 1979 *The Gracchi*. Londres, Duckworth.
- VIDAL-NAQUET, P. 1991 *Les juifs, la mémoire et le présent*. Paris, Maspéro.